

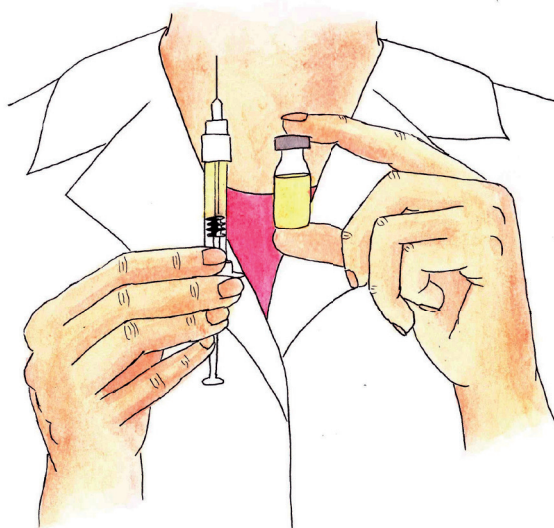
Vacina: o que era bom pode ficar melhor

Todo mundo sabe que o Brasil é muito famoso no exterior por causa do futebol. Mas você sabia que nós também somos referência quando o assunto é vacinação? Pois é! Um exemplo disso é a erradicação da paralisia infantil: o Brasil não registra nenhum caso da doença desde 1989.

E não é só a vacinação humana que é alvo de atenção no país: a vacina animal tem recebido cada vez mais investimentos. Nas pesquisas aqui realizadas, tem havido uma busca por vacinas menos invasivas e com menos efeitos colaterais. Nessa área, alguns pesquisadores da UFMG têm trabalhado intensamente. Uma das ideias investigadas é usar, na fabricação das vacinas, algumas bactérias que existem naturalmente no intestino do ser humano ou do animal. Essas bactérias, chamadas de probióticas, não causam nenhuma doença, pelo contrário, elas ajudam a regular a função intestinal de seu hospedeiro e ainda o protegem contra as bactérias que causam doenças: as chamadas bactérias patogênicas.

Então, por que não fabricar uma vacina de uso oral que não provoque alergia ou febre e seja mais eficaz? A ideia é fazer com que as bactérias probióticas produzam um fragmento de uma proteína da bactéria patogênica dentro do intestino. Esse pedacinho de proteína funciona como uma vacina e pode ser muito eficiente. Um desses processos de produção de vacina foi patentado pela Universidade Federal de Minas Gerais e poderá beneficiar muitas pessoas e muitos animais.

Como você pode ver, com habilidade e criatividade dá para melhorar até aquilo que já parecia excelente! Mas não é da noite para o dia ou sem investimento financeiro que as pesquisas acontecem. Os estudos de cientistas precisam de financiamento do poder público e das empresas privadas, para fazerem a ciência e a tecnologia caminharem junto com as nossas necessidades!



(Texto escrito por Camila Jacob para o programa Na Onda da Vida, da Rádio UFMG Educativa 104.5 FM, e adaptado por Alice de Freitas Gomes e Adlane Vilas-Boas).